ZELDA FITZGERALD

Esta valsa é minha

Tradução
Rosaura Eichenberg

Companhia Das Letras

Copyright © 1932 by Charles Scribner's Sons
Copyright © renovado 1960 by Frances Scott Fitzgerald Lanahan
Copyright do Prefácio de Harry T. Moore, © 1967 by Southern Illinois University Press

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original
Save me the Waltz

Capa
Elisa von Randow

Foto de capa
Where there's smoke there's fire © Russell Patterson/ Biblioteca do Congresso — Divisão de Imagem e Fotografia, Washington, D.C.

Preparação
Leny Cordeiro

Revisão
Adriana Bairrada
Renata Lopes Del Nero

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Fitzgerald, Zelda
Esta valsa é minha / Zelda Fitzgerald ; tradução Rosaura Eichenberg — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2014.

Título original : Save me the Waltz
ISBN 978-85-359-2379-7

1. Ficção inglesa I. Título.

13-13439 CDD-823

Índice para catálogo sistemático:
1. Ficção : Literatura inglesa 823

[2014]
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone: (11) 3707-3500
Fax: (11) 3707-3501
www.companhiadasletras.com.br
www.blogdacompanhia.com.br

1.

I

— Essas garotas — diziam as pessoas — pensam que podem fazer qualquer coisa e ficar impunes.

Isso se devia à sensação de segurança que encontravam no pai. Ele era uma fortaleza viva. A maioria das pessoas talha as ameias da vida fazendo concessões, erigindo torres inexpugnáveis a partir de submissões judiciosas, fabricando filosóficas pontes levadiças com retraimentos emocionais e escaldando os saqueadores no óleo fervente das uvas verdes. O juiz Beggs entrincheirou-se em sua integridade quando ainda era jovem; suas torres e capelas foram edificadas com noções intelectuais. Como qualquer pessoa de sua intimidade sabia, ele não deixava aberta nenhuma passagem perto de seu castelo, nem ao pastor de cabra amigo, nem ao barão ameaçador. Essa inacessibilidade era a sombra no seu brilho que o impedia de se tornar, talvez, uma figura na política nacional. O fato de o Estado considerar

sua superioridade com indulgência dispensou seus filhos dos primeiros esforços sociais necessários, na vida, à construção de fortificações para si próprios. Um senhor do ciclo vivo das gerações, capaz de elevar as experiências acima da calamidade e da doença, basta para garantir a sobrevivência de seus descendentes.

Um homem forte pode padecer por muitos, escolhendo para sua prole os tópicos convenientes da filosofia natural que melhor emprestem à sua família a aparência de um propósito. Quando as crianças Beggs aprenderam a cumprir as exigências mutáveis da sua época, o diabo já havia pulado em seus pescoços. Mutiladas, mantiveram-se longo tempo agarradas às torres feudais de seus pais, guardando as heranças espirituais, que poderiam ter sido mais numerosas se tivessem encontrado um repositório adequado.

Uma das amigas de escola de Millie Beggs dizia que nunca vira em toda a sua vida uma prole mais desordenada que aquelas crianças quando pequenas. Se choravam por alguma coisa, Millie tratava de arrumar o que estivesse ao seu alcance, ou chamava-se o médico para subjugar as inexorabilidades de um mundo que, por certo, só oferecia provisões escassas a bebês tão excepcionais. Sustentado de maneira insatisfatória pelo pai, Austin Beggs trabalhava dia e noite em seu laboratório cerebral para conseguir melhores meios de subsistência para os seus. Millie, inevitavelmente mas sem relutância, tirava as crianças da cama às três horas da manhã, sacudia seus chocalhos e cantava-lhes em voz baixa para impedir que as origens do código napoleônico saíssem aos berros da cabeça do marido. Este costumava dizer sem humor:

— Vou construir para mim uns baluartes cercados de animais selvagens e arame farpado no alto de um penhasco para escapar destes arruaceiros.

Austin amava as crianças de Millie com aquela ternura distante e introspecção peculiares aos homens importantes quan-

do se veem confrontados com alguma relíquia da juventude, alguma lembrança dos dias em que ainda não tinham decidido tornar-se os instrumentos de sua experiência, e não apenas o resultado desta. É possível sentir o que se quer dizer escutando a delicadeza da sonata "Primavera", de Beethoven. Austin poderia ter mantido uma relação mais íntima com a família, se não tivesse perdido o único filho ainda pequeno. Fugindo de sua decepção, o juiz virou-se selvagemente para outras preocupações. Como os cuidados financeiros são os únicos que os homens e as mulheres podem ter em comum, foi essa inquietação que ele levou a Millie. Atirando a conta do funeral do menino no seu colo, gritou com uma voz de partir o coração:

— Por Deus, como é que você quer que eu pague isto?

Millie, que nunca tivera uma consciência muito forte da realidade, foi incapaz de conciliar essa crueldade do homem com o que ela sabia ser um caráter justo e nobre. Nunca mais conseguiu formar um julgamento de pessoas, mudando as realidades que possuía para adaptá-las às incoerências dos outros até que, por uma fixação de lealdade, conseguiu na sua vida uma harmonia de santa.

— Se minhas crianças são más — respondeu à amiga —, nunca percebi.

O conjunto de suas incursões às irreconciliabilidades do temperamento humano ensinou-lhe também um truque de transferência que a sustentou depois do nascimento da última criança. Quando Austin, enraivecido pelas estagnações da civilização, espalhava suas desilusões e a esperança cada vez menor na humanidade junto com suas dificuldades financeiras sobre a paciente cabeça de Millie, ela transferia o ressentimento instintivo para a febre de Joan ou o tornozelo torcido de Dixie, movendo-se pelos sofrimentos da vida com a tristeza de um coro grego. Confrontada com o realismo da pobreza, saturou sua

personalidade de um otimismo estoico e impassível e tornou-se impermeável às dores especiais que a acompanhariam até o fim.

Incubada na pungência mística das amas negras, a família chocou as meninas. Da personificação de uma moeda extra, de um passeio de bonde aos terrenos caiados dos piqueniques, de um bolso cheio de balas de hortelã, o juiz tornou-se, em suas percepções amadurecidas, um órgão de retribuição, um destino inexorável, a força da lei, da ordem e da disciplina estabelecida. Juventude e experiência: um funicular hidráulico, e a experiência, com menos águas de convicção no seu carro, insistindo em igualar o lastro da juventude. As meninas adquiriram então os atributos da feminilidade, procurando perto da mãe um descanso da exposição de seus anos de jovens damas, assim como teriam buscado um bosque protetor cheio de sombra para escapar de um olhar fixo ofuscante.

O balanço range na varanda de Austin, um vaga-lume oscila selvagemente sobre a clematite, insetos aglomeram-se no holocausto dourado da luz do corredor. Sombras varrem a noite do Sul como pesados esfregões túmidos recolhendo o esquecimento noturno e levando-o de volta ao calor negro de onde se expandiu. Melancólicas ipomeias espalham folhas absorventes e escuras sobre as treliças de cordão.

— Fale de mim quando eu era pequena — insiste a menina mais moça. Encosta-se na mãe num esforço para estabelecer uma relação apropriada.

— Você foi um bebê comportado.

A menina não fora preenchida com nenhuma interpretação de si mesma, pois tinha nascido tão tarde na vida de seus pais que a humanidade já se havia dissociado da consciência íntima destes últimos e a infância se tornara mais um conceito do que a criança real. Ela quer que lhe digam como é, sendo jovem demais para saber que não se parece absolutamente com

nada e que vai completar seu esqueleto com o que dela se desprender, como um general talvez possa reconstituir uma batalha seguindo os avanços e os recuos de suas forças com alfinetes de cores brilhantes. Ela não sabe que qualquer esforço que fizer se transformará nela mesma. Foi muito mais tarde que a criança, Alabama, chegou a compreender que os ossos do pai só podiam indicar suas limitações.

— E eu chorava de noite e criava um inferno a ponto de você e papai desejarem que eu morresse?

— Que ideia! Todos os meus filhos foram boas crianças.

— E os da vovó também?

— Acho que sim.

— Então por que ela mandou o tio Cal embora quando ele voltou da Guerra Civil?

— Sua avó era uma velha dama esquisita.

— Cal também?

— Sim. Quando Cal voltou para casa, vovó mandou um recado para Florence Feather dizendo que, se Florence estava esperando que ela morresse para casar com Cal, seria bom que os Feather soubessem que a raça dos Beggs morria tarde.

— Ela era assim tão rica?

— Não. Não se tratava de dinheiro. Florence dizia que só o diabo conseguiria viver com a mãe de Cal.

— Então Cal não casou, afinal de contas?

— Não… as avós sempre conseguem o que querem.

A mãe ri — o riso de um aproveitador recontando proezas de negócios, desculpando-se de sua segurança gananciosa, o riso da família triunfante derrotando outra família triunfante no eterno jogo da superposição.

— Se eu fosse o tio Cal, não teria suportado isso — declara a criança com rebeldia. — Teria feito o que eu quisesse com a srta. Feather.

A harmonia profunda da voz do pai subjuga a escuridão até o diminuendo final da hora de dormir dos Beggs.

— Por que você quer mexer nessas coisas velhas? — pergunta sensatamente.

Fechando as venezianas, ele repassa as qualidades especiais de sua casa: uma afinidade com a luz, babados de cortina transpassados pelo sol até as dobras ondularem como orlas eriçadas de jardim ao redor do tecido de algodão brilhante e floreado. O cair da noite não deixa sombras nem distorções nos quartos, transferindo-os para mundos mais vagos e cinzentos, intactos. No inverno como na primavera, a casa é um lugar encantador, cheio de luz, pintado num espelho. Quando as cadeiras caírem aos pedaços e os tapetes ficarem cheios de buracos, isso não terá importância no brilho da apresentação. A casa é um vácuo para a cultura da integridade de Austin Beggs. Como uma espada brilhante, ela dorme de noite na bainha de sua nobreza fatigada.

O telhado de zinco estala com o calor; o ar dentro da casa é como o sopro de uma arca que há muito tempo não é aberta. Não existe luz na bandeira acima da porta no início do saguão do andar superior.

— Onde está Dixie? — pergunta o pai.

— Saiu com uns amigos.

Sentindo as palavras evasivas da mãe, a menina chega mais perto, atenta, com o sentimento importante de participar dos assuntos de família.

"Acontecem coisas conosco", pensa. "Como é interessante ser uma família."

— Millie — diz o pai —, se Dixie está de novo andando à toa pela cidade com Randolph McIntosh, pode deixar a minha casa para sempre.

A cabeça do pai treme de cólera; a decência ultrajada faz os óculos caírem do nariz. A mãe caminha silenciosamente sobre

o revestimento quente de seu quarto e a menina fica deitada no escuro, cheia de si, virtuosamente submissa aos modos do clã. O pai desce na sua camisa de dormir de cambraia para esperar.

Do pomar do outro lado da rua o perfume de peras maduras flutua sobre a cama da criança. Uma banda ensaia valsas ao longe. Coisas brancas brilham no escuro — flores brancas e pedras do calçamento. A lua nos vidros das janelas inclina-se para o jardim e faz ondular as emanações espessas da terra, como se fosse um remo de prata. O mundo é mais jovem do que na verdade é, e a menina se imagina velha e sábia, compreendendo seus próprios problemas e lutando com eles como assuntos que lhe são peculiares, e não como heranças raciais. Há um brilho e um viço sobre as coisas. Ela inspeciona a vida orgulhosamente, como se caminhasse num jardim que ela própria tivesse obrigado a crescer no menos fértil dos solos. Já despreza as plantações ordeiras, acreditando na possibilidade de um cultivador mágico que fizesse brotar flores de doce perfume nas rochas mais duras, e vinhas de florescência noturna em terras devastadas e estéreis, que soubesse estocar o sopro do crepúsculo e negociar com cravos-de-defunto. Ela quer que a vida seja fácil e cheia de lembranças agradáveis.

Pensando, detém-se romanticamente no namorado da irmã. O cabelo de Randolph parece uma profusão de nácares despejando-se sobre os globos de luz que formam seu rosto. Pensa que ela também é assim por dentro, imersa nessa confusão noturna entre as emoções que experimenta e sua reação à beleza. Numa identificação exaltada, pensa em Dixie como sendo uma parte adulta de si mesma, divorciada dela por anos transfiguradores, como um braço muito queimado do sol que talvez pareça pouco familiar caso não se tenha prestado atenção às suas alterações. Ela se apropria do caso de amor da irmã. Sua vivacidade a torna sonolenta. Conseguiu uma suspensão de si

própria com o esforço que seus sonhos tênues lhe exigem. Adormece. A lua embala seu rosto bronzeado benevolamente. Ela fica mais velha dormindo. Um dia acordará para observar que as plantas dos jardins alpinos são, na sua maioria, fungos que não precisam de muito alimento, e que os discos brancos que perfumam a meia-noite não chegam a ser flores, apenas embriões em desenvolvimento; e, mais velha, caminhará com amargura pelas trilhas geométricas de filosóficos Le Nôtres, em vez de por esses atalhos nebulosos das peras e cravos-de-defunto de sua infância.

Alabama nunca conseguia identificar o que despertava as suas manhãs, quando ficava deitada olhando ao redor, consciente da ausência de expressão que cobria seu rosto como um tapete de banheiro molhado. Mobilizava-se. Olhos vivos de delicado animal selvagem preso numa armadilha espiavam, num convite cético, para fora da rede tensa de suas feições; o cabelo amarelo-limão escorria pelas costas. Vestia-se para a escola com gestos amplos, inclinando-se para a frente a fim de observar os movimentos de seu corpo. O sino da escola, no meio das transpirações silenciosas do Sul, soava apático como o ruído de uma boia nos vastos silenciadores do mar. Ela ia na ponta dos pés até o quarto de Dixie e emplastrava o rosto com o ruge da irmã.

Quando as pessoas diziam: "Alabama, você está com ruge no rosto", ela respondia simplesmente: "Estive esfregando o rosto com a escova de unhas".

Dixie era uma pessoa que dava muita satisfação à irmã mais moça. O seu quarto estava cheio de objetos; peças de seda espalhavam-se por toda parte. Uma estatueta dos três macacos sobre o consolo da lareira segurava fósforos para os fumantes. *Flor escura*, *A casa das romãs*, *A luz que se apagou*, *Cyrano de Bergerac* e uma edição ilustrada do *Rubáiyát* se estendiam entre dois "Pensadores" de gesso. Alabama sabia que o *Decameron* estava escondido na gaveta de cima da escrivaninha — ela havia

lido as passagens fortes. Sobre os livros, uma garota Gibson cutucava um homem com um alfinete de chapéu atrás de uma lente de aumento; um par de ursinhos se regalava em cima de uma pequena cadeira de balanço branca. Dixie possuía um chapéu de abas largas cor-de-rosa, um broche longo de ametista e um par de ferros elétricos para encrespar o cabelo. Dixie tinha vinte e cinco anos. Alabama completaria catorze às duas horas da manhã do dia 14 de julho. A outra irmã Beggs, Joan, tinha vinte e três. Joan estava fora, mas, de qualquer modo, era tão ordeira que fazia pouca diferença na casa.

Alabama escorregou pelo corrimão cheia de expectativas. Às vezes sonhava que caía no poço da escada e era salva no final por aterrissar escarranchada sobre a larga balaustrada — escorregando, ela revivia as emoções do sonho.

Dixie já se encontrava sentada à mesa, separada do mundo em furtivo desafio. O queixo estava vermelho e vergões vermelhos apareciam salientes em sua testa, de tanto chorar. Embaixo da pele, o rosto erguia-se e caía, primeiro num ponto, depois noutro, como água fervendo num pote.

— Não pedi para nascer — falou.

— Lembre-se, Austin, ela é uma mulher adulta.

— O homem é um impertinente que não vale nada e um vagabundo inveterado. Nem sequer é divorciado.

— Eu ganho a minha vida e faço o que quero.

— Millie, esse homem não vai mais entrar na minha casa.

Alabama sentou-se muito quieta, prevendo um protesto espetacular contra a interferência do pai no curso do romance. Nada transpirou a não ser a quietude da criança.

O sol nas copas de prata das samambaias, o jarro de água de prata, os passos do juiz Beggs no calçamento azul e branco ao sair para o escritório dividiram um tanto de tempo, um tanto de espaço — nada mais. Ela escutou o bonde parar sob as catalpas

da esquina, e o juiz partiu. A luz movia as samambaias com um ritmo menos organizado sem a presença dele; a casa pairava em suspenso ao sabor de sua vontade.

Alabama ficou olhando a trepadeira que se espalhava sobre o muro dos fundos como cordões de coral lascado cingindo uma vara. A sombra da manhã sob o cinamomo tinha a mesma natureza da luz — quebradiça e arrogante.

— Mamãe, não quero mais ir para a escola — disse pensativa.

— Por que não?

— Acho que já sei tudo.

A mãe encarou-a com uma surpresa levemente hostil. A criança, reconsiderando seus declarados propósitos, voltou-se para a irmã a fim de salvar sua pele.

— O que você acha que papai vai fazer com Dixie?

— Ora! Não canse sua cabecinha com essas coisas enquanto não é preciso, se é isso que está incomodando você.

— Se eu fosse Dixie, não deixaria que ele me detivesse. Gosto de Dolph.

— Não é fácil conseguir tudo o que se quer neste mundo. Agora, corra. Você vai chegar tarde à escola.

Ruborizada com o calor de faces palpitantes, a sala de aula oscilava a partir das grandes janelas quadradas para ancorar na litografia sombria da assinatura da Declaração da Independência. Dias lentos de junho acumulavam-se num monte de luz na extremidade do quadro-negro. Partículas brancas dos apagadores gastos pulverizavam o ar. Cabelos, sarjas de inverno e a crosta nos tinteiros sufocavam o suave começo de verão que cavava túneis brancos sob as árvores na rua e cobria as janelas com um doce calor doentio. Sons entoados por negros circulavam melancolicamente pelo sossego.

— Ei… ô… tomates, belos tomates maduros. Verduras, couves.

Os meninos usavam longas meias pretas de inverno, verdes ao sol.

Alabama escreveu "Randolph McIntosh" embaixo de "Um debate na Assembleia Ateniense". Desenhando um círculo ao redor de "Todos os homens foram na mesma hora executados e as mulheres e crianças vendidas como escravos", ela pintou os lábios de Alcibíades e lhe pôs um penteado da moda, fechando a sua *História Antiga* de Myers depois da transformação. Sua mente continuou a divagar inconsequentemente. Como é que Dixie conseguia se compor tão bem, sempre tão pronta para tudo? Alabama achava que ela própria nunca conseguiria ter todos os detalhes de sua pessoa no lugar — nunca seria capaz de atingir um estado de prontidão abstrata. Dixie parecia à irmã o instrumento perfeito para a vida.

Dixie era a colunista social do jornal da cidade. O telefone tocava desde o momento em que ela chegava em casa do escritório, à tardinha, até a hora de jantar. A voz de Dixie soava monótona, afetada e cheia de arrulhos, atenta às suas próprias vibrações.

— Não posso te dizer agora… — Depois, um longo e vagaroso balbucio como água caindo para fora de uma banheira.

— Oh, eu te conto quando nos encontrarmos. Não, não posso falar agora.

O juiz Beggs estava deitado na sua austera cama de ferro arrumando os feixes de tardes amarelecidas. Volumes com capa de couro de *Annals of British Law* e *Annotated Cases* repousavam sobre seu corpo como folhas. O telefone perturbava a sua concentração.

O juiz sabia quando era Randolph. Depois de meia hora, ele já aparecia esbravejando no saguão, a voz tremendo descontrolada.

— Bem, se você não pode falar, por que continua com essa conversa?

O juiz Beggs agarrou bruscamente o receptor. Sua voz se fez ouvir com a concisão cruel das mãos de um taxidermista em ação.

— Agradeceria que nunca mais tentasse ver ou falar com minha filha pelo telefone.

Dixie encerrou-se em seu quarto e não quis sair nem comer durante dois dias. Alabama deleitava-se com a sua parte na comoção.

— Quero que Alabama dance comigo no Baile da Beleza — tinha dito Randolph do outro lado da linha.

As lágrimas das filhas invocaram infalivelmente a mãe.

— Por que vocês incomodam o seu pai? Podiam fazer os seus arranjos fora de casa — disse ela apaziguando os ânimos.

A ampla generosidade sem lei da mãe fora alimentada por muitos anos de convivência com a lógica irrefutável da fina mente do juiz. Como uma existência em que a tolerância feminina não tivesse vez fosse insuportável a seu temperamento maternal, Millie Beggs se tornara, aos quarenta e cinco anos, uma anarquista emocional. Era o modo de provar a si mesma sua necessidade individual de sobreviver. Suas contradições pareciam assegurar-lhe um domínio sobre as situações, se assim tivesse desejado. Austin não podia morrer ou ficar doente, com três crianças, sem dinheiro e com uma eleição no próximo outono, com seu seguro e sua vida de acordo com a lei; mas Millie, por ser um fio mais frouxo no desenho, sentia que, para ela, isso era possível.

Alabama pôs no correio a carta que Dixie escreveu por sugestão da mãe, e elas se encontraram com Randolph no Café Tip-Top.

Movendo-se pela adolescência no meio de um redemoinho de fortes decisões, Alabama tinha uma desconfiança inata do "significado" que circulava entre a irmã e Randolph.

Randolph era repórter no jornal de Dixie. Sua mãe criava

a filhinha dele numa casa sem pintura no sul do estado, perto dos canaviais. As curvas do rosto e o formato dos olhos nunca tinham sido dominados pela expressão de Randolph, como se sua existência corpórea fosse a experiência mais espantosa que ele já realizara.

À noite dava aulas de dança para as quais Dixie providenciara a maioria dos alunos — bem como suas gravatas, por falar nisso, e tudo o que na sua pessoa precisasse de uma escolha apropriada.

— Meu bem, você deve colocar a faca sobre o prato quando não a estiver usando — disse Dixie, ajustando a personalidade do namorado ao molde de sua sociedade.

Nunca era possível afirmar que ele a escutava, embora parecesse estar sempre querendo ouvir alguma coisa — talvez a serenata de elfos que desejava, ou algum fantástico indício sobrenatural sobre sua posição social no sistema solar.

— E eu quero um tomate recheado, batatas gratinadas, uma espiga de milho, bolinhos e sorvete de chocolate — interrompeu Alabama com impaciência.

— Meu Deus!… Então vamos fazer o *Balé das horas*, Alabama. Eu vou usar malha de arlequim e você terá uma saia de tarlatana e um chapéu de três pontas. Você consegue criar uma dança em três semanas?

— Claro. Sei uns passos do carnaval do ano passado. Vai ser assim, entende? — Alabama fez os dedos caminharem um sobre o outro num modo inextricável. Pressionando um dedo com firmeza sobre a mesa para marcar o lugar, ela desenrolou as mãos e começou de novo: — … E a parte seguinte é assim… E termina com um br… rr… rr… up! — explicou.

Com olhares duvidosos, Randolph e Dixie observavam a criança.

— É muito bonito — comentou Dixie hesitante, levada pelo entusiasmo da irmã.